ENVER HOXHA

E

JORGJI SOTA

PARA A REVOLUCIONARIZAÇÃO ULTERIOR DA NOSSA ESCOLA

★

A REVOLUCIONARIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR NA ALBÂNIA

(DERNOS OPERÁRIO VERMELHO 8

PARA A REVOLUCIONARIZAÇÃO ULTERIOR DA NOSSA ESCOLA

★

A REVOLUCIONARIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR NA ALBÂNIA

EDITORIAL MINERVA
fundada em 1927, por Manoel Rodrigues
Rua Luz Soriano, 31-33 — Lisboa, Portugal

Tradução:
António Tavares

excepto para o artigo «A Revolucionarização do Ensino Superior na Albânia»

1.ª edição Setembro 1975

Composto e impresso nas oficinas gráficas da Editorial Minerva — Rua da Alegria, 30 — LISBOA

PARA A REVOLUCIONARIZAÇÃO ULTERIOR DA NOSSA ESCOLA [1]

O estudo do problema da nossa escola, ao qual o Departamento Político procede hoje, coincide ocasionalmente com o dia do professor [2]. Também dirigimos neste dia os nossos melhores pensamentos a todas as professoras e professores do nosso país que desempenham incansa-

---

1 Discurso pronunciado na reunião do Departamento político do Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia a 7 de Março de 1968, e no qual foram enunciadas as teses que constituem um grande programa de trabalho para a revolucionarização ulterior da nossa escola. O Partido fez desse grande programa um problema tocando todas as massas e levantando discussões populares. Com vista a organizar e seguir os debates e todo o trabalho tendente à revolucionarização ulterior da escola, o Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia criou uma comissão especial saída de si. Essa comissão é presidida pelo camarada Mehmet Shehu, membro do Departamento Político do Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia e presidente do Conselho de ministros da República da Albânia.

2 A 7 de Março de 1878, depois dos esforços levados a cabo pelos promotores da nossa Renascença em luta contra os invasores Turcos e os chauvinistas Gregos, abriu no nosso país a primeira escola de língua albanesa. A fim de perpetuar essa data, que simboliza um acontecimento de grande envergadura política e cultural para o povo albanês, o Presídium da Assembleia Popular decidiu proclamar o 7 de Março, «Dia do Instrutor»

velmente um eminente dever patriótico. Nós exprimimos-lhes toda a nossa gratidão e os nossos desejos de sucessos ulteriores na educação revolucionária, na via do Partido, da nossa jovem geração.

O povo diz e com razão: «a vida é uma escola». Na língua da filosofia materialista isto significa que não se deve nunca parar de estudar, o estudo deve prosseguir sem interrupção paralelamente com a existência de cada um, isto quer dizer igualmente que o trabalho intelectual não pode estar separado do trabalho prático. Isso significa enfim que o trabalho, a criação, o pensamento são complementares um do outro sempre ao longo da vida do homem, onde a matéria está primeiro e o pensamento é secundário. Aprender, pensar são o produto e o reflexo do desenvolvimento dialéctico da matéria.

Daí deriva que o estudo, o desenvolvimento progressivo do pensamento, não é simplesmente um dever, mas é preciso considerá-lo como um fenómeno natural engendrado pela transformação da matéria, pelo seu desenvolvimento e a sua transformação dialéctica, e ligado a este processo, que é então uma necessidade objectiva para o homem e a sociedade. Desde sempre, em cada etapa da sua vida, o homem, na medida que é naturalmente material, e como tudo o que o rodeia está em vias de transformação constante. Cria, pensa e aprende, depois de novo cria e transforma. E tudo isso deve ser considerado como um processo contínuo, ininterrupto desde a nascença até à morte do indivíduo. É uma lei natural. É esta lei do desenvolvimento materialista que preside igualmente à organização das escolas, das quais nós examinamos hoje o problema. A escola e o estudo não devem ser considerados como actividades destacadas que não se referem senão a um período da vida do homem, ou como uma base suficiente de uma vez por todas, acabada, perfeita, inscrita num ciclo de normas fixadas com vista a facilitar o trabalho organizacional da educação e do ensino.

Resulta desta lei que a instrução e a educação devem ter um carácter de massa, por outras palavras, como o

Partido não cessa de dizer-nos, devemos, todos sem excepção, aprender, educar-nos ao longo da nossa vida, para poder criar, para que o pensamento guie a produção e o desenvolvimento. Mas a fim de que esse desenvolvimento se processe na via correcta, na via da nossa revolução socialista ininterrupta, é preciso que o pensamento, a educação e a escola tenham por base em todos os domínios, a nossa filosofia materialista.

Nós dizemos, e é efectivamente assim que o ensino de oito anos seja obrigatório, por lei; mas devemos dizer, e compreender que todas as escolas, sob as suas diversas formas, e não somente nos seus ciclos tais como nós os fixámos hoje, devem ser obrigatórios para todos não num sentido puramente legal, como é o caso da escola de oito anos, mas num sentido mais largo, naquele da lei da nossa filosofia materialista.

A questão da organização e da frequência da escola, quer dizer a educação ininterrupta do homem ao longo da sua vida, é uma questão bastante importante que não pode ser resolvida, nem o trabalho que ela implica aperfeiçoado num curto período de tempo e muito menos nos limites actuais de organização escolar, porque, quaisquer que sejam as transformações progressistas das quais ela tem sido e das quais ela é objecto, conserva nela, hereditariedades do passado, certas concepções idealistas da filosofia da escola burguesa, concepções que têm entorpecido, pela sua rotina, o espírito de muita da nossa gente e dos ensinantes e que contra vontade e sem conhecimento destes, fazem empurrá-los, incomodá-los e torná-los conservadores.

Como tudo o mais no nosso regime socialista, a nossa nova escola deve igualmente ter as suas próprias leis de desenvolvimento, que estejam de acordo com a estrutura económica e social e a sirvam, partindo do princípio que a escola e a educação são uma parte importante da superestrutura que deve ser guiada pela nossa filosofia materialista marxista-leninista.

No nosso regime socialista, ao mesmo tempo que se organizam o trabalho e a produção socialista alargada, ao mesmo tempo e a par com estes, o ensino e a educação devem estar organizados para responder às necessidades objectivas do socialismo e do comunismo, para que a experiência da produção sirva o pensamento, que o desenvolvimento da matéria esclareça o pensamento e que este por sua vez guie e sustenha o desenvolvimento da prática revolucionária, o desenvolvimento e a transformação da sociedade.

Do período que precede a Libertação, nós herdámos um ciclo de escola, do primeiro e do segundo grau, dotadas de uma organização imperfeita, heterogénea, sofrendo de grandes lacunas nas suas formas como nos seus critérios de estrutura e no conteúdo das matérias do programa, sem falar na sua linha política, ideológica e pedagógica, totalmente alheia à nossa escola socialista. O regime de Zogu, regime feudal turquizante, era contrário à educação e à elevação cultural do povo, e em consequência disso a escola foi a última das suas preocupações.

O ensino primário foi restringido, não somente nos campos, onde reinava a ignorância organizada, mas também nas cidades. As escolas primárias, nas regiões que as tinham eram em número insuficiente, mas ao país faltava sobretudo escolas secundárias, ginásios, liceus e escolas técnicas, e a frequência destes estabelecimentos era, por assim dizer, um privilégio. Contavam-se pelos dedos das mãos os estabelecimentos desse género e não se encontravam senão em algumas das grandes cidades.

O regime de Zogu impunha a sua política escolar pelas circunstâncias, pelas condições do desenvolvimento do país, ainda que se esforçasse, tanto quanto podia, para entravar esta lei do desenvolvimento prosseguindo numa política reaccionária obscurantista. Assim, poderemos dizer que mesmo as escolas primárias ou secundárias que foram abertas nesse regime ficaram a dever a sua criação aos desejos expressos pelo povo e à pressão que ele exercia, à acção dos instrutores e intelectuais progressistas, mais

do que ao próprio regime e à sua política. Quanto ao modesto desenvolvimento do ensino sob o regime de Zogu, ainda que manco, de uma forma e de um conteúdo rudimentares, nós estamos em dívida perante a sede de aprender do nosso povo, que a bem ou a mal abriu caminho à luz na profunda obscuridade do regime feudal.

Os critérios de estrutura da escola sob o regime de Zogu sendo feudais, burgueses, mas mesmo nos limites desse quadro, extremamente confusos. Viam-se chocar diferentes critérios das escolas burguesas, corolários da política servil do regime Zoguliano relativamente aos diversos países imperialistas que procuravam espoliar o nosso país. Entre esses diversos critérios, prevalecia aquele do país imperialista que pagava melhor o regime, o qual não hesitava dar igualmente favores à burguesia de um outro país imperialista que visava estabelecer a sua influência e obter concessões numa fase posterior. Quando um governo imperialista se apoderava de sólidas posições no nosso país, surgiam modificações radicais correspondentes nas escolas igualmente, na estrutura e conteúdo dos seus programas, e isso mesmo ao nível das escolas primárias. Assim, sob o regime de Zogu, nós tínhamos ginásios «nacionais», ginásios eclesiásticos, liceus franceses, escolas técnicas americanas e italianas. Só faltavam os ginásios turcos e gregos; esta ausência explica-se pelo facto de que os regimes burgueses desses países não conseguiram, talvez por falta de meios, obter concessões de Zogu, que estava pronto a vender o país não importa a quem aos bocados, como ele o fez estabelecendo numerosas concessões territoriais aos jugoslavos, aos ingleses e finalmente à Itália fascista de Mussolini, à qual ele vendeu todo o país.

A única nota encorajante e o único trabalho meritório neste caos em que estava mergulhada a escola do nosso país, consistia no grande esforço dos instrutores e de todos os ensinantes para dotar a nossa escola de uma estrutura racional, torná-la estável e satisfazer o melhor e tanto quanto possível as aspirações do povo à instrução e ao saber.

Em resumo, o processo de crescimento inicial e de desenvolvimento da nossa escola não podia ter lugar antes da Libertação do país. A este propósito, eu não tinha nenhuma intenção de proceder à análise deste processo, porque incumbe aos especialistas do ensino fazê-la de uma maneira objectiva. Esta análise reveste hoje em dia para nós de uma grande importância, se ela for conduzida, como deve ser, à luz do marxismo-leninismo.

Porque é que esta análise deve ser feita e porque se reveste ela de uma grande importância?

Primeiramente, porque a despeito de todas as imperfeições que então sofria a nossa escola nesta época, ela não tinha tido um grande papel no despertar do povo, ela preparou os quadros donde a maior parte, na medida do seu saber e dos seus meios, serviu o povo nesses tempos tão difíceis que ele atravessou. Esses ensinantes, médicos, engenheiros, agrónomos e técnicos médios, ainda que em pequeno número, estavam na sua grande maioria «chegados» ao povo e consagrados ao seu serviço, assim o papel dessa escola não pode ser nem esquecido nem descuidado.

Em segundo lugar, porque depois da libertação do nosso país e até à nossa primeira reforma do ensino em 1946 [1], apoiamo-nos sobre as antigas escolas, sobre os antigos instrutores e pedagogos. Essa herança pesou e pesa ainda sobre nós mesmos hoje em dia (bem entendido com muitas diferenças) e manifesta-se por um conservadorismo marcado num bom número de velhos mas também de novos instrutores e professores. No entanto, a nossa escola, à semelhança de todos os domínios da vida do país que

[1] Sobre a base da reforma do ensino decretado pela Assembleia Popular em Agosto de 1946, a instrução primária torna-se obrigatória e gratuita para todos; as escolas do ensino geral foram unificadas em todo o país; um sistema de ensino pré-escolar e profissional viu a luz do dia, assim como o ensino nas escolas nocturnas ou por correspondência para os adultos que trabalham. Ao mesmo tempo, foram estabelecidos os programas do novo sistema de ensino.

se modificavam progressivamente, transformava-se também. A reforma do ensino iniciada influiu favoravelmente nesse sentido e a experiência da escola soviética ajudou-nos até um certo ponto nesse domínio, porque mais tarde constatámos que a escola soviética insinuada na nossa antiga escola conservava, também, muitos traços subsistentes da pedagogia burguesa, que pecava por numerosos defeitos, que o tempo, a experiência adquirida e o desenvolvimento do país fizeram ressaltar aos nossos olhos, constrangindo-nos a fazer constantemente correcções parciais, quer nas estruturas da nossa escola, quer nos seus programas e na política que aí era seguida.

No que diz respeito ao problema escolar era-nos difícil proceder de modo diferente do que fizemos, e isto por causa da nossa falta de experiência, de meios e de quadros. Nós não podíamos fazer tábua rasa da antiga escola e faríamos mal se o fizéssemos. Deveríamos encaminharmo-nos para a sua transformação numa escola popular, estendê-la por todo o lado, nas cidades e nos campos, instituir o ensino primário obrigatório, criar a escola de sete anos, multiplicar os ginásios, tendo em vista o ensino obrigatório de sete ou oito anos, aumentar o número das nossas escolas técnicas e enviar estudantes ao estrangeiro para fazerem os seus estudos até que nós criássemos no nosso país a nossa própria universidade. Por outro lado, desde os primeiros dias que se seguiram à Libertação, o Partido e o poder tiveram por preocupação constante, fazer de modo a que a escola, berço do saber, fosse um importante centro de educação da juventude segundo a política do Partido.

Os ensinantes seguiram, é verdade a política do Partido, alguns adaptaram-se, mas eles não conservaram menos na sua consciência, nos seus métodos e estilos de trabalho as tendências e as reminiscências da antiga pedagogia das antigas escolas onde eles estudaram, no país mesmo ou no estrangeiro.

Presentemente as coisas mudaram. Nós adquirimos no domínio do ensino uma experiência nova de quase vinte

e cinco anos. Um processo positivo contínuo se operou, numerosos objectivos fixados pelo Partido foram atingidos, e fundamentando-nos sobre esses resultados, nós temos por tarefa fazer a nossa escola dar um salto qualitativo em frente, salto ditado pela necessidade do desenvolvimento da produção, a edificação completa do socialismo e a marcha em direcção à sociedade comunista.

Mas para efectuar como convém esse salto qualitativo, devemos, parece-me, definir com o maior cuidado os princípios a observar, as vias a percorrer e a maneira de as percorrer para não cair nem nas plataformas nihilistas, nem nos enxertos injustificados e desprovidos de critérios sãos.

No domínio do ensino o nosso Partido adoptou sempre uma política de tendência marcada. Ele esforçou-se tanto quanto possível em orientar a escola e a educação na via do marxismo-leninismo, de as ligar às necessidades imediatas e à perspectiva do desenvolvimento geral do nosso país, da produção e da edificação do socialismo. E têm-se disso a melhor prova no facto de que a gente do povo se convenceu da necessidade de estudar, que ele viu criar as possibilidades para o fazer pela conversão do ensino em ensino de massas, têm-se disso a prova nos progressos económicos, na formação de uma multidão de quadros que trabalham e exercem funções de direcção devotada e fielmente tendo em vista o povo e o socialismo, na via e segundo os ensinamentos do Partido.

E, portanto, se nós aprofundamos um pouco mais este problema, constataremos um defeito que consiste no facto de a escola ter sido sobretudo considerada como um campo de acção reservada ao ensinante, onde tudo estava principalmente subordinado ao aspecto pedagógico, à metodologia. Por outras palavras, realçava-se a tendência para considerar que em matéria de ensino o instrutor e o professor eram os únicos competentes e que era suficiente indicar-lhes as linhas a seguir e os critérios a aplicar; quanto ao resto eles *organizavam-no* e dirigiam-no por si próprios.

Cessámos de criticar os camaradas do Partido que não se interessavam seriamente pelas nossas escolas. E quando eram constrangidos a fazê-lo, o seu interesse recaía sobre a percentagem de passagem dos alunos, sobre qualquer necessidade material, sobre o grau de regularidade da frequência escolar, etc. Sentindo-se estrangeiros na escola eles interessavam-se ainda pelos aspectos mais ou menos formais, e justificavam essa atitude invocando numerosas outras tarefas, em particular as tarefas económicas, que os absorviam. Os camaradas do Partido, como se pode ver, não tinham uma suficiente e justa compreensão dos laços que ligam a escola à produção; e a propósito desses laços, nós devemos compreender bem que eles são essenciais, determinantes.

Por outro lado, os instrutores e professores estavam inteiramente desligados da produção. As transformações da economia alegravam-nos e eles tinham consciência das suas necessidades, mas no que dizia respeito à escola comportavam-se de maneira rotineira e burocrática com formas, métodos pedagógicos e um estilo de trabalho caducos e muitas vezes anacrónicos. E o mal era que eles acreditavam cumprir a sua tarefa de maneira perfeita, estavam mesmo convencidos disso. Pela sua parte o Partido e os seus homens que dirigiam essa grande transformação política, económica, ideológica, organizacional, não se interessavam tão de perto quanto seria preciso, pela escola, pelas modificações que deveriam aí ser progressivamente introduzidas para promover o processo dinâmico do seu desenvolvimento.

O conjunto das medidas revolucionárias adoptadas nestes dois últimos anos no nosso país submeteu o Ministério da Instrução Pública e da Cultura a uma forte pressão, perturbou a sua tranquilidade, fez estalar as suas costuras. Isto confirma o que eu disse um pouco mais acima, a saber, a questão do ensino e da escola não é uma questão burocrática, que ela não é um domínio reservado aos instrutores em geral, que ela não pode ser considerada como o domínio da teoria separada da produção, do trabalho,

mas que ela é uma grande questão que diz respeito ao Partido, ao povo, à economia, à estrutura e à superestrutura.

Porque, não se pode avaliar de modo suficiente a instituição do ensino obrigatório de oito anos, ou assegurar a repartição dos estudantes nas diversas faculdades. Não, esta questão não é tão fácil, ela é bem mais profunda, bem mais complicada do que parece; é precisamente por este motivo que o Ministério da Instrução e da Cultura se encontrou colocado em frente de novos problemas que exigem uma solução. E somos precisamente nós quem deve encontrar a solução mais justa, marxista-leninista, destes problemas.

Os problemas são numerosos e não são simples ao ponto de poderem ser resolvidos com uma única discussão ou por uma penada. Procurando-lhes uma solução, nós devemos afastar-nos dos métodos anárquicos, aplicados a coberto de supostas formas de trabalho de massa, nós devemos estar atentos aos pontos de vista subjectivistas, precavermo-nos com vigilância contra as tendências e inclinações à simpatia pelas diversas escolas estrangeiras ou albanesas dos tempos passados, simpatias que, com a continuação e sobre o efeito da rotina, estão convertidas para alguns em dogmas que lhes fazem julgar estas escolas como sendo «as melhores» e crer que sem se inspirarem nelas, as nossas escolas não darão satisfação, para não dizer que perderão todo o valor. Assim então, tudo o que existe na nossa nova escola deve ser submetido a uma minuciosa análise marxista-leninista, a nossa nova escola socialista, deve ser impregnada e guiada de ponta a ponta, em todas as coisas, pela nossa filosofia materialista. É a condição essencial a cumprir.

A nossa nova escola não pode ser uma escola de qualquer tipo, ela deve responder às necessidades do desenvolvimento da produção, e deve conformar-se e corresponder à estrutura e superestrutura do nosso país socialista. A nossa escola deve, por consequência, representar e materializar a nossa filosofia marxista em todos os seus ciclos,

em todas as formas de organização dos seus métodos e do seu estilo, ela deve seguir e manter o desenvolvimento revolucionário da estrutura e da superestrutura. Guiada pelo Partido, ela deve ser uma parte constituitiva, ajudar a produção e promover o pensamento e o progresso. Certos instrutores e pedagogos andaram mal e nós andámos mal com eles ao crer que na estruturação da nossa escola tudo caminhou segundo os critérios que eu enunciei mais acima, ou de julgar superficiamente que no momento em que nós tomámos por modelo a escola soviética, não podíamos ter cometido erros. Os erros manifestaram-se não somente por nos faltar experiência, mas também porque a própria escola soviética comporta sérios defeitos e imperfeições, ela não tinha ido até ao fundo, ela estava em via de desenvolvimento. Mas outra destas razões, o estado de desenvolvimento da economia como o ensino e a cultura no nosso país (da qual eu tratarei mais tarde) era diferente do da União Soviética.

Nas transformações, os complementos, as correcções que nós traremos à nossa escola, devemos fundamentar-nos sobre a situação actual e sobre os resultados obtidos, e submetê-los a uma aprofundada análise marxista-leninista. Por análise aprofundada, eu não entendo somente uma análise estatística limitada ao ensino, mas uma análise que tenha em vista a situação concreta actual do país, o progresso da promoção, da economia, da cultura, as necessidades manifestadas nos diversos domínios, na satisfação eventual destas necessidades e à supressão de lacunas, determinando o volume das suas necessidades, o número e a qualidade dos quadros necessários. Nós conheceremos assim por sua vez o estado actual do nosso desenvolvimento económico e aquele nosso desenvolvimento no domínio da instrução e da cultura, nós veremos onde se manifestam as lacunas e descobriremos as nossas necessidades com mais precisão, o que não fizemos até aqui.

Uma tal progressão relativamente perfeita fez-nos falta, mas não avançámos por causa disso com os olhos fechados. Depois da Libertação, na impossibilidade de agir dife-

rentemente, mesmo que fôssemos constrangidos a adoptar certos traços da escola velha, mesmo, tendo em conta também as condições de atraso económico e cultural do país, nós ligamos uma grande importância, ao mesmo tempo que à escola primária obrigatória, à cultura geral e nós estamos empenhados em criar uma rede multiforme de escolas secundárias de ensino geral e profissional. Em particular, durante o segundo decénio que se seguiu à Libertação, nós abrimos um número bastante grande de ginásios, graças aos quais visávamos elevar o nível de cultura geral da juventude e formar um contingente de quadros superiores dos diversos sectores, dos quais o país em reconstrução tem a máxima necessidade.

E não obstante as numerosas lacunas que podia comportar e que comportava efectivamente o trabalho efectuado neste domínio, era uma justa orientação. E aquela da formação massiva dos instrutores era igualmente justa.

A questão da educação técnica, pelo contrário, não seguiu plenamente esta mesma via. Se no primeiro período consecutivo à Libertação nós abrimos o mínimo indispensável de escolas profissionais, por conseguinte e de maneira geral o desenvolvimento do ensino profissional sofreu negligências e bastantes lacunas. Pode-se neste domínio procurar uma justificação no facto de que a nossa indústria não tinha atingido o grau de desenvolvimento que tem hoje em dia, mas isso não pode excluir o descuido e a ausência de uma perspectiva perfeitamente clara para aquilo que é a construção material das fábricas e sobretudo o desenvolvimento da agricultura, que era um sector bastante importante, em relação ao qual nós deveríamos ter tomado, desde o princípio, medidas sérias instituindo escolas agrícolas. Tirando os ensinamentos que se quiser destes erros que se manifestaram no nosso trabalho em matéria escolar e apoiando-nos sobre a análise que tenho esboçado, chegaremos certamente a justas conclusões e tomaremos as medidas úteis que permitirão fazer realmente da nossa escola uma escola socialista nova e revolucionária.

Esse estudo mostrará que a edificação do socialismo, o resultado ulterior da produção, da economia e da cultura criam grandes necessidades em pessoas instruídas, não somente para completar certos estados de personalidade, mas em massa, em pessoas providas de instrução e de conhecimentos científicos de diversos graus e não uniformes em todos os pontos. A instrução e a educação dispensadas na escola não podem ser consideradas, tal como o faz a filosofia burguesa, como um meio de especulação e proveito pessoal, mas como uma arma potente nas mãos dos novos homens da sociedade socialista, com vista a edificar essa sociedade, promover a produção comunal socialista, desenvolver a cultura socialista ao serviço da sociedade.

Se temos correctamente em consideração essa grande variedade de necessidades, em quantidade como em qualidade, se considerarmos igualmente a satisfação dessas mesmas necessidades na dinâmica do desenvolvimento dieléctico materialista histórico, chegaremos à conclusão que não podemos nem devemos ter um só tipo de escolas, mas uma vasta gama de estabelecimentos escolares compreendendo diversos cursos com a duração de alguns meses.

No que diz respeito à escola de oito anos, parece-me que deve permanecer imutável, de tipo único. A sua característica e os critérios que aí presidem devem ficar tal como estão. Por outras palavras, compete-lhe dotar todas as crianças até ao fim dos seus oito primeiros anos de estudo de uma cultura geral igual para todos, sem excepção. Todavia, em meu entender, melhoramentos podem e devem ser introduzidos nos seus programas. Estes podem comportar a aquisição de aptidões para certos trabalhos, aptidões que não devem entretanto transformar-se em especialidades técnicas. Acabada a escola de oito anos os rapazes e as raparigas têm a possibilidade de ter acesso a um bom número de escolas diversas, de todos os ramos, de todas as naturezas, quer eles se empreguem quer prossigam um ciclo de estudos superior à escola de oito anos.

A necessidade de escolas de tipos múltiplos manifesta-se e manifestar-se-á sobretudo no que diz respeito ao ensino

do segundo grau. O Ministério da Instrução Pública e da Cultura apresentou nesta matéria variantes que podem ser consideradas como uma sólida base de apoio na condição que elas sejam ainda aperfeiçoadas, porque quanto a mim, elas comportam dois defeitos essenciais.

O primeiro desses defeitos vem do facto que o Ministério suportou a pressão justificada das bases, as quais para responderem às grandes e urgentes necessidades que fazem nascer um impulso da produção, procura e encontra saídas para essa situação criando, nas cooperativas e nas fábricas, escolas com programas mal definidos de orientação diversa.

O segundo defeito consiste naquilo que o Ministério da Instrução Pública considera mais a questão do futuro e do aperfeiçoamento da escola do seu ponto de vista sectorial, sobre o plano dieléctico, pedagógico, como uma disciplina puramente formal, como uma educação geral ou especial definida uma vez por todas, preferencialmente à estreita ligação orgânica com a produção. O facto é que é o estado-maior do Ministério da Instrução Pública que procede ao estudo destes grandes problemas do ensino e tira daí conclusões ainda que esses ultrapassem os limites desse estado-maior, sendo ele composto de centenas dos mais competentes, ensinantes. A questão do ensino é uma grande questão que diz respeito ao Partido, ao poder e a todo o povo.

A fim de levar a bom termo este trabalho relativo à escola, eu penso que é necessário criar sob a condução directa do Comité Central do Partido, uma vastíssima e importante comissão da qual farão parte os melhores elementos do ensino, da indústria e das minas, da agricultura (quintas e cooperativas), jovens rapazes e raparigas, médicos, desportistas, músicos, filósofos, etc.

Porque é que a participação de toda esta gente é necessária? Porque determinando, como eu disse mais acima, as orientações nos seus próprios sectores, eles ligam a facção activa da escola ao desenvolvimento económico e social do país, cada um deles apresentará as necessidades urgentes e ao mais longo termo do seu sector, e este debate colectivo fará aparecer mais correctamente as proporções e as prioridades a fixar, permitirá determinar o tempo requerido para a satisfação das necessidades e os diversos tipos de escola.

É este um aspecto do trabalho desta comissão. O outro aspecto, também importante, é o das matérias, das proporções respectivas de cada uma delas no programa de cada escola no decurso da orientação similar, de maneira que quem quer que termine uma escola ou um curso encontre a escola ou o curso superior correspondente para prosseguir o seu aperfeiçoamento. A maneira como se rege e como se procura reger estas questões não é tão justa, porque por vezes não lhe é dada uma orientação objectiva, elas estão afectadas pelas formas simplistas e anárquicas e há a tendência para por exemplo considerar que convém suprimir ou juntar isto ou aquilo a tal ou tal matéria, imaginando-se assim que tudo tem sido correctamente regulado. Estas operações são feitas certamente na melhor das intenções, para reflectir o mais fielmente possível nos textos a linha do Partido, mas não se pode no entanto considerá-las como completas e sempre isentas de erros.

Uma outra questão é a da «equivalência» das escolas. Este problema não é compreendido como convém. Eu penso que sobre esta questão nós não devemos permitir a acção de estimulantes e de tendências que nos são estranhas, é notoriamente uma atitude pequeno burguesa a de pensar em «obter um diploma, vir a ser uma autoridade, receber um tratamento elevado e ocupar um posto». Este sentimento que se esconde por assim dizer sob o encorajamento do estudo é, com efeito, um resíduo latente anti-socialista, que nós devemos varrer e é preciso contra isso reforçarmos o sentimento do estudo autenticamente socialista.

Alguns pensam que uma parte da nova geração deve terminar os diversos ciclos de ensino regular, e outra, os cursos e as escolas de programas simplificados ou truncados pelas necessidades da produção, com ou sem certifi-

cados do fim de estudos, e que é preciso reconhecer a estas escolas e estes cursos equivalência, com os ginásios e escolas técnicas do ensino regular. Uma tal maneira de agir não apresentará interesse e não será sensata. Alguns dizem: porque fecharíamos nós as portas da Universidade a estas pessoas?

Esta questão deve ser justamente compreendida. A Universidade é um instituto superior, ela prepara quadros superiores, os quais, a par com o desenvolvimento do país, especializar-se-ão ainda mais no trabalho e nas diversas formas de qualificação. E esta qualificação superior exige também uma instrução de base, sólida e completa. As portas da Universidade não estão fechadas para ninguém, mas aqueles que aí tiverem acesso devem estar dotados de uma instrução apropriada, e é preciso determinar cuidadosamente esse nível de instrução. Nós começamos apenas a pôr o problema da escolha dos estudantes que serão admitidos na universidade. A nossa orientação neste caso preciso é justa ou não? A comissão que será instituída para este efeito, deverá estudar e definir ainda melhor esta questão. Todavia, espero que numa fase ulterior as exigências relativas daqueles que queiram aceder ao ensino superior, serão mais severas e isto será uma consequência das novas condições de desenvolvimento da produção, da técnica, das ciências, da modernização da nossa economia. A passagem a um estado educativo e cultural e a um estado técnico e económico mais avançado, passagem que acarretará pelo seu lado transformações radicais nas escolas, deve sempre responder às exigências do tempo, do momento e servir as situações dadas.

Mas nós não precisamos somente de quadros superiores, as nossas necessidades em quadros médios são bem mais prementes. Também o regulamento desta questão não pode ser limitado pela crítica rígida da equivalência ou do acabamento de tal ou tal ciclo de estudos. Com toda a certeza, uma pessoa que por numerosas razões objectivas e subjectivas, não seguiu um ensino regular, não pode ter a mesma facilidade no prosseguimento dos seus estudos que um

camarada que os terminou regularmente. Todavia, essa pessoa não deve por isso ficar sem instrução, a sociedade não o abandona no caminho, ela criou-lhe as possibilidades de terminar uma escola; de seguir por correspondência um outro instituto superior do mesmo tipo. E se ela trata também de se inscrever numa faculdade, ela deverá então submeter-se a certos exames ou concursos para as matérias que não fazem parte do programa da escola de onde ela saiu.

A comissão em questão descobrirá no Comité Central, no Governo e nos organismos do Partido horizontes e perspectivas bem mais claras nesse domínio, ela submeter-lhes-á formas de organização de trabalho mais aperfeiçoadas para fazer progredir a nossa nova escola.

Eis como, pela minha parte, eu vejo o estudo dos períodos sucessivos que deve conhecer a nossa escola para passar de uma etapa à seguinte:

1. Esse estudo esclarecer-nos-á sobre os resultados obtidos depois da Libertação até esse dia, ela esclarecer-nos-á dialecticamente sobre o desenvolvimento da instrução e da cultura de um nível dado a um nível superior, em ligação estreita com as diversas etapas atravessadas pela edificação do socialismo no nosso país, e ela permitirá definir as lacunas e as necessidades actuais.

2. Ela determinará de maneira científica as formas e os métodos a adoptar, e as medidas a tomar, paralelamente ao desenvolvimento económico, com vista a elevar a cultura geral das massas a um nível aproximadamente determinado, a dotar até a um determinado nível a nossa economia, o nosso ensino e a nossa cultura dos quadros superiores.

3. Se considerarmos, por exemplo, este estado de desenvolvimento como o primeiro estado, e que nós queiramos passar ao segundo mais avançado, numerosas formas, métodos e medidas que serviram para o primeiro não podem mais servir plenamente para o segundo, este exige-os mais aperfeiçoados porque a economia, e com ela, toda a

nossa população terão avançado e atingido o mais alto grau de qualificação.

Muitos tipos de escolas deverão ser suprimidos e substituídos por outros, mais especializados. Hoje em dia não somente o nosso país não tem analfabetos e todos os albaneses obtêm pelo menos o certificado do ciclo de estudos de oito anos, mas mesmo aqueles que não fizeram esse estudo, seguiram uma série de cursos especiais de escolas particulares, o que, em conjunto com a experiência da vida e o trabalho político e ideológico do Partido, os transformou profundamente ao mesmo tempo que avançava a edificação do socialismo.

E assim, sucessivamente, de etapa em etapa, como todas as coisas a nossa escola conhecerá mudanças na sua forma, na sua estrutura, no seu conteúdo. Não há senão uma coisa que jamais mudará: a sua espinha-dorsal, que a guiará em cada uma das suas orientações e em cada uma das suas transformações, a filosofia materialista marxista-leninista.

Eis porque, o Partido deve ensinar a quem quer que seja, aos alunos, instrutores e professores, ao povo, aos operários e camponeses, a pequenos e a grandes, por todos os meios e sobre todas as formas, acima de tudo o marxismo-leninismo ciência que ilumina a via de todas as ciências.

O conhecimento profundo da filosofia marxista-leninista do materialismo dialéctico e histórico pela parte dos alunos e dos ensinamentos é um problema que nos deve preocupar e é neste sentido que nós devemos rever os textos e os métodos de trabalho. As ciências, sejam elas naturais, exactas ou sociais, etc., numa palavra tudo o que se ensina na escola deve estar inteiramente assente sobre justas bases marxistas-leninistas. A revisão radical dos textos tendo em vista o seu apuramento é um dos trabalhos mais sérios que temos por tarefa e não devemos pensar que só os instrutores o podem levar a bom termo. Os textos devem ser considerados como um domínio importante onde se concretize a linha do Partido, a sua política, os seus objectivos e os seus programas imediatos tanto como a preparação para o futuro. Não devemos conceber a nova escola socialista como podendo abrigar toda a sorte de textos, onde coabitam na concepção idealista-burguesa e a concepção marxista-leninista. Não devemos fazer nenhuma concessão à filosofia idealista burguesa nem à teologia.

Há muitas coisas que nós devemos dirigir para a boa via. Eu já disse noutras ocasiões que os textos têm muitas inutilidades, mas falta-me explicar um pouco o meu pensamento a esse respeito, porque essa falta, parece-me, está compreendida na prática de maneira estreita simplificada ao extremo; fazemos sobressair as tendências para cortar nas matérias onde é necessário mas também onde não o é.

Consideremos o domínio das ciências. Estas fizeram grandes progressos. Suprimir sem critério qualquer ciência não é científico, isso significa menosprezar a ciência. O estudo da natureza deve ser feito de maneira profunda, revolucionária. É preciso a todo o custo que nesse espírito, tudo seja exprimido com clareza nos textos, a ciência deve separar-se para sempre da teologia. O desenvolvimento e os progressos da ciência permite-nos ilustrar o materialismo e a dialéctica, que nos devemos esforçar por todos os meios para inculcar nos alunos, instrutores e professores, porque é assimilando-os que eles estarão prontos a compreender a teoria do desenvolvimento em toda a sua extensão.

Eu ouvi dizer que os nossos ensinantes discutem sobre a questão de saber se convém manter a teoria de Linné, se é preciso conservar todas as classificações, ou se esta teoria deve ser truncada. Uma discussão como esta oferece aspectos positivos, mas ela oferecerá ainda mais quando estas correcções à teoria de Linné ou a outras teorias se fizerem à luz da dialéctica materialista, dito de outra maneira quando se renunciará a todo este progresso ulterior da botânica ou de qualquer outra ciência e a dialéctica materialista revelar-se-á como supérflua ou inexacta. E que não se siga o exemplo daqueles que dizem simplesmente: «Não temos mais que fazer como tal ou tal sábio». Os métodos destes sábios atingiram uma certa perfeição e só os ignorantes podem eliminá-los de um traço de pluma. Os rapazes e as raparigas nas escolas — e nós não deve-

mos esquecer nem subestimar esta necessidade — devem aprender a teoria e a ciência verdadeiras porque é assim que eles compreenderão melhor a teoria da relatividade do saber humano, a reflexão da matéria em perpétuo desenvolvimento.

Alguns dizem pura e simplesmente: «Para que nos servem todas essas coisas». Mas esses não compreendem que sem aprender essas coisas, sem as tratar sob formas diversas, desde a mais simples até à mais elaborada, a concepção filosófica materialista não se pode formar nos nossos homens do socialismo, nada pode ir por diante, retrocederemos pelo contrário, seremos submergidos, pela escuridão, a teologia e a filosofia burguesa. Lénine exprimiu a ideia que, sem argumentos filosóficos sólidos, nem as ciências naturais nem o materialismo estão aptos a fazer face à pressão das ideias burguesas e ao restabelecimento da concepção burguesa do universo. Os nossos cientistas do socialismo devem aprender pacientemente a filosofia marxista, e serem os mais ardentes defensores; numa palavra, tornarem-se materialistas dialécticos.

Os programas revestem-se de uma importância determinante para as escolas de todas as categorias. Programas diferenciados deverão estar estabelecidos para cada tipo determinado de escola e os textos respectivamente revistos ou redigidos de novo. Paralelamente é preciso pensar, bastante a sério, na preparação de novos quadros e numa mais alta qualificação de quadros existentes. Esta questão tem uma grande importância, pois que são estes quadros que, depois de terem eles próprios assimilado bem os programas, os desenvolverão nas diversas escolas. A qualificação destes quadros não deve ser deixada a mercê de práticas rotineiras mas ser considerada naquilo que lhe diz respeito também como uma questão de disciplina, de formação.

É por isto que a comissão que eu proponho instituir deve criar subcomissões compostas por especialistas das diversas matérias, e os seus trabalhos devem ser guiados por critérios sãos, ajudados, controlados pela comissão central não uma vez por ano, mas com períodos determinados.

Os programas são variados e numerosos. Eu não tenho particular competência para tratá-los mas espero que, mais que a justa orientação política e ideológica destes programas, laços orgânicos devem ligar sobre toda a sua gama, a matéria ensinada em classes sucessivas e que em algum caso ele não deve ter aí solução de continuidade ou repetição mecânica. Assim, segundo eu, o aluno na sua formação escolar não esquecerá nada se o texto é ao mesmo tempo claro, simples e completo e ele estará então pronto a ligar solidamente entre eles os conhecimentos que lhe são inculcados. Logo que estes laços estejam organicamente bem formados, eles não sofrerão apuramentos necessários que serão feitos nas diferentes matérias em cada etapa dos cursos de estudo ou mesmo de cada classe, nem a sua colocação sobre justos fundamentos à luz do materialismo dialéctico e histórico, que exije absolutamente, para toda a ciência, qualquer que ela seja, o seu apuramento, laços orgânicos entre as suas partes, a clareza e a veracidade.

A possibilidade que a vasta erudição não venha a faltar, como alguns acreditam, não deve inquietar-nos de modo nenhum, porque essa erudição necessária devemos dispensá-la aos homens progressivamente e se edificamos os programas e os textos da maneira que eu evoquei mais acima, as pessoas receberão uma cultura e uma instrução sãs vastas e relativamente completas. Ficarão muitas coisas nas suas cabeças, na verdade mais do que pretender fazê-los adquirir uma erudição desmedida, desproporcionada em relação ao tempo de que eles dispõem e as possibilidades do desenvolvimento do seu intelecto e dos seus conhecimentos práticos. É assim que os nossos linguistas, científicos ou metódicos, devem combater a tendência para ensinar o albanês aos estudantes de uma maneira académica, enchendo e carregando o seu espírito de toda a espécie de classificações, procurando também inculcar-lhes conhecimentos abstractos e áridos, supérfluos e inúteis para a vida. A ciência linguística deve vir mais considerável e rapidamente em ajuda da escola para facilitar a assimilação da

língua pela parte dos alunos sobre bases mais sólidas e torná-los mais aptos para o uso prático da língua viva.

A erudição demora mais tempo a adquirir, ela pede estudos mais profundos que ultrapassam o limite do ciclo escolar e implicam uma especialização mais esforçada. Mas todavia aqueles que terminam regularmente as nossas escolas não podem ser tomados por ignorantes; ainda mais ao longo da sua vida e na própria vida, eles aprenderão muitas outras coisas, eles alargarão os seus conhecimentos. O que é importante é a base dos estudos, os programas, os manuais, as experiências diversas e a luta na vida, na aplicação desse saber e no seu enriquecimento em novos conhecimentos. Devemos dar importância aos programas e aos textos escolares de todas as matérias.

Outro dos problemas que eu acabo de invocar, devemos dar uma importância particular às ciências como a física, as matemáticas, a química, as ciências especiais como a medicina, a geologia, a mecânica, etc. Todas essas ciências devem ser bem assimiladas e, para esse fim, não somente o texto deve ser claro e o programa bem encadeado para todo o ciclo escolar e universitário, mas o professor deve dominar bem a sua matéria.

Ainda mais, é igualmente essencial e de uma importância principal que os textos e os programas assim como a maneira de fazer os cursos estejam impregnados das nossas concepções materialistas dialécticas, de maneira que, através dessas ciências, o aluno, o estudante e o professor, ele mesmo, formem uma concepção do mundo comunista e que eles vejam o desenvolvimento e a aplicação dessas ciências através do prisma da dialéctica materialista.

Será preciso igualmente consagrar nas nossas escolas um cuidado especial ao ensino da história e da geografia, em primeiro lugar daquelas do nosso país, mas também aquelas do mundo inteiro, uma tendência existe para não reconhecer a estas últimas a sua justa importância. Essa tendência deve ser combatida.

Os nossos homens devem conhecer absolutamente a história do nosso povo à luz do materialismo histórico, eis

porque os textos e programas dessa matéria deverão igualmente ser revistos de um ponto de vista crítico.

O mesmo se passa com a história dos povos do mundo. Eu acho que, nesse domínio, mudanças radicais deverão ser trazidos aos textos e aos programas e será preciso redigir novos no tempo requerido e em conformidade com um plano, os manuais e os programas actuais sendo importados do estrangeiro e a maior parte de entre eles, em particular aqueles dos estabelecimentos superiores estando edificados sobre diversos critérios políticos e ideológicos incompatíveis com a nossa nova escola socialista. As proporções entre as diversas partes dessa história tal como está redigida são pouco judiciosas e o encadeamento orgânico e nós devemos dar ao ensino dessa matéria, que trata da história do desenvolvimento da sociedade humana, visto sob o ângulo do materialismo, faz falta. Assim há muito trabalho a fazer aí nesse sentido no que concerne também tanto a qualidade, o conteúdo, a política e a ideologia que o volume.

O ensino da geografia do nosso país tem uma grande importância e se ela é subestimada, essa atitude tem a sua origem nas concepções das escolas estrangeiras, na influência dos regimes de opressão interiores ou impostos pelos ocupantes, tinham interesse em que os nossos homens não conhecessem o seu país, que eles não se lhe ligassem nem se lhe afeiçoassem. Assim por todas essas razões, o ensino da geografia da Albânia fazia-se de modo puramente formal, simplificado ao máximo e consistia numa enumeração dos cursos de água, das montanhas, etc. Este estado de coisas deve mudar a todo o custo, nos programas, nos manuais, nas maneiras de fazer os cursos, etc. A geografia do nosso país, tanto física e política como económica, deve tornar-se uma verdadeira ciência, que se faça de modo que ao longo de todo um ciclo escolar seguido, as nossas gentes aprendam a conhecer perfeitamente a sua Pátria, o seu desenvolvimento, as suas perspectivas, que eles a conhecem e que eles a toquem porque é sobre este solo que eles vivem, trabalham, criam. A lição de geogra-

fia deve ser das mais vivas, das mais interessantes; a lição sobre os livros deve estar ligado ao terreno, aos campos, às montanhas, aos cursos de água e ao arrendamento de gado em parcerias. Que grandes perspectivas abre um tal curso de geografia do nosso país! Uma geografia assim concebida tempera o patriotismo e o amor pelo país, liga-se à economia, à agricultura, à indústria, ela prepara bons geólogos, engenheiros e agrónomos futuros, ela fortifica a saúde, propaga o desporto, o turismo. Se compreendemos a geografia como devendo estar ligada a todos estes aspectos e se nós sabemos ligar o curso de geografia nas escolas à natureza, ao país, darnos-emos conta justamente que mudanças qualitativas devem ser trazidas a essa matéria.

Grandes modificações devem ser igualmente introduzidas no curso de geografia universal, o qual não corresponde às nossas exigências actuais nas formas e nas dimensões que são hoje em dia as suas nas nossas escolas.

O retoque dos textos nessa óptica implica um trabalho atento, fundado em bases científicas, um trabalho que ligue como deve ser desde os bancos da escola primária até aos da Universidade, mesmo para além desses a prática à teoria, porque a prática sustenta a teoria e a teoria sustenta e guia a prática. Se essa ligação orgânica se faz como convém estaremos prontos ao mesmo tempo para servir o presente e preparar o futuro.

O retoque dos textos sob o ângulo da dialéctica materialista deve ser feito para todos os tipos de escola que nós determinaremos, ainda que as reduções das matérias para cada tipo de escola ou curso dos diversos graus devam ser feitos separadamente, de modo a responder à necessidade que é a origem da instituição dessa escola e ao nível da instrução daqueles que a frequentam. Mas eu espero que, de modo geral, essas reduções devem constantemente obedecer a critérios científicos bem estudados e estarem em conformidade com certas orientações determinadas e não é preciso que cada um tire do seu lado e que se suprima 10 horas num sítio para juntar 20 noutro. É preciso evitar essas práticas.

Mais acima, eu falei um pouco das ciências - agora algumas palavras sobre a maneira como deverá ser concebido o apuramento dos manuais e a elaboração de novos textos. A partir do momento que queremos que estes estejam penetrados da dialéctica materialista, eles não podem ser fruto de pessoas não competentes e dotadas de concepções filosóficas estranhas ao marxismo-leninismo. Aqueles que trabalharem na reestruturação de novos textos, deverão não somente conhecer bem a filosofia marxista-leninista, mas também *senti-la* e saber aplicá-la, numa palavra materializá-la nos cursos, ligá-la à vida. E eu aqui não penso somente nos técnicos e nos cientistas saídos das antigas escolas, que, no conjunto, tiveram um bom comportamento político, que amam o Partido, o povo, o socialismo, mas que, bom grado ou mau grado, continuam ligados por um fio à ideologia idealista-burguesa; eu espero que isto se deva aplicar também aos novos quadros superiores saídos da nossa Universidade do Estado. Temos grande número de especialistas, que, ainda que tendo terminado os nossos institutos superiores onde eles aprenderam a filosofia marxista-leninista e embora trabalhando há muitos anos sobre o terreno, não estão ainda prontos a ligar o seu saber à vida, que ainda não conseguiram executar a recomendação do Partido, segundo a qual, como diz Lénine, eles são tidos como materialistas autênticos, na vanguarda da luta e de chegar a conclusões filosóficas revolucionárias.

Então que devemos fazer em relação ao problema que eu acabo de expôr. Sob a direcção do Comité Central do Partido e do Ministério da Instrução Pública e da Cultura, importa organizar essa estreita cooperação entre os ensinantes das diversas matérias, os cientistas, e os homens dos sectores das letras e da filosofia marxista-leninista. Mas esse grande trabalho fundamental não deve ser deixado somente a cargo dos instrutores e dos professores, mesmo se eles são competentes e membros do Partido. O que importa aqui é que eles possuam como deve de ser a filosofia marxista-leninista.

Se consideramos as ciências sociais e mais particularmente a literatura, que figura no programa das escolas de todos os ramos, encontraremos aí coisas muito graves, ainda que numerosos camaradas comunistas tenham metido a mão na preparação desses cursos e que o Partido fizesse prova da maior atenção nesse domínio. Se examinamos atentamente a maneira como os cursos de literatura albanesa e estrangeira são dados nas nossas escolas e fora destas (e nós devemos estudar esse problema em pormenor à luz da nossa filosofia), nós constataremos não somente falhas, anomalias, desproporções, manifestações de amadorismo, paixões e erudição mórbidas, mas também graves erros que nos custam e nos custarão ainda mais caro no futuro, se não os corrigirmos. Nesse domínio, reflectem-se concepções filosóficas das escolas burguesas, simpatias individuais, segundo as inclinações de cada um e a escola ou cultura de que ele está embuído, ainda que ele não tenha conseguido limpar radicalmente as cavalariças de Augias. E estes elementos, na sua erudição sobrecarregada e confusa, transmitem todas estas ideias e concepções mal apuradas, estas simpatias ou paixões por um autor albanês ou estrangeiro no seu ensino ou na vida através dos cursos, palestras, conferências, artigos ou livros. Isso representa um grande perigo e se não metemos na ordem essa questão, cedemos perante a filosofia burguesa e permitimos que ela nos combata abertamente quase que oficialmente no nosso terreno.

A época da Renascença albanesa é uma época revolucionária democrática de grande importância na história e na literatura do nosso povo, é uma época luminosa guiada pelas ideias avançadas do século das luzes, pelas nossas personalidades eminentes desse período, o qual a justo título foi denominado Renascença da nação, e considerado como a passagem do obscurantismo medieval feudal e imperialista para a luz, a instrução, a luta pela liberdade, a independência, a democracia, para o progresso e a instrução.

Engels falou algures da Renascença, não da nossa Renascença, mas do movimento dos XV.° e XVI.° séculos.

Elé intrepreta-a como uma época luminosa que engendrou grandes homens, não somente artistas e pintores mas também sábios e filósofos colocados no trabalho activo pela Igreja, físicos, astrónomos, etc., que despedaçaram o pesado obscurantismo da Idade Média, derrubaram crenças e sistemas, e imprimiram uma impulsão ulterior ao desenvolvimento económico, cultural e científico. Mas a análise que ele faz da época da Renascença é uma análise dialéctica materialista e em nenhum ponto idealista, do facto que a impulsão dada à sociedade pelas grandes figuras da Renascença não era nem completa, nem acabada, a sociedade humana devia transformar-se, desenvolver-se, e ver-se-iam produzir-se perturbações parciais ou radicais no seu desenvolvimento e no das diversas ciências. Novas leis ou complementares iriam aparecer e, como diz Lénine, «dessas perturbações nascem na maior parte dos casos escolas, grandes e pequenas, correntes grandes e pequenas, filosóficas reaccionárias» [1], onde só a nossa filosofia materialista pode dissipar a bruma e nos precaver contra os prejuízos que eles causam.

É precisamente sobre este ângulo que o nosso Partido considerou a época da Renascença e ele deve aprofundar ainda mais esse reexame na óptica do materialismo dialéctico a fim de que esse período se imprima no espírito dos alunos, dos estudantes, dos instrutores, dos professores e do povo da maneira mais clara e mais justa, analisada de maneira marxista-leninista sobre o aspecto social e económico como cultural e histórico e não ao belo prazer de alguns. É sobre essa via que o trabalho deve ser levado a cabo.

Os animadores da nossa Renascença devem estar situados no seu justo lugar na época em que eles viveram, trabalharam e lutaram, será preciso fazer luz sobre as suas ideias, que eram o produto do desenvolvimento da sociedade dessa época, fazer luz sobre os objectivos que eles

---

1 V. I. Lenine. *«Da importância do materialismo militante»* Obras, tomo 33, p. 254, edições albanesas.

visavam de imediato e num futuro longínquo. Se essas questões são correctamente abordadas, veremos que essas figuras da nossa Renascença eram homens extraordinários nas ideias progressistas, pensadores avançados revolucionários, corajosos e animados de um grande e ardente amor pela sua pátria, que lutaram com as armas e com a pluma pela liberdade e independência do povo, para o seu despertar. Estes são os aspectos positivos da época da Renascença e dos seus animadores. Eles são importantes e nós devemos dá-los a conhecer ao povo.

Mas nós não devemos esquecer um só instante que esses mesmos animadores da nossa Renascença têm os seus aspectos negativos, que devem estar submetidos à nossa crítica marxista-leninista. Essas falhas consistem nas suas concepções filosóficas, que são idealistas. Eles suportavam aí um pesado fardo, a filosofia da sua época, e esta está em contradição e em luta com a nossa ideologia.

Poderemos ficar calados sobre este antagonismo, sobre esta luta impiedosa, de morte, que nós, marxistas, travamos com a filosofia idealista, a religião e as crenças religiosas? Podemos considerá-las intocáveis, tabús, unicamente porque elas foram professadas pelos animadores da nossa Renascença? Podemos por um lado combater duramente a teologia, a religião, a igreja e as mesquitas, os padres e os «hodjas», e, por outro lado, exaltar aquelas partes da obra de Naim Frashëri onde ele exprime a sua filosofia bektaquiana, aquelas de Medje onde ele trata da teologia cristã, ou ainda aquelas de Çajupi, onde ele diz, por exemplo, que o pai Tomor era o trono de Deus, e oferecer tudo isto como alimento ideológico ao nosso povo unicamente porque as suas concepções são aquelas dos animadores da nossa Renascença, grandes homens que estiveram na origem do desenvolvimento da nossa língua e contribuíram para a sua formação, e porque elas estão expressas em belos versos e feitas em imagens sedutoras?

Não, marxistas que somos e no interesse do povo e do socialismo, devemos combater esses aspectos negativos. Em matéria ideológica, não podemos fazer concessões à

perfeição dos versos ou da língua. A apreciação que Engels trouxe sobre a língua de Luther como base da língua literária alemã não impediu nulamente de evoluir no seu verdadeiro caminho e de desmascarar o papel reaccionário da Reforma antes e depois da insurreição camponesa na Alemanha [1].

Também para nós, igualmente, a questão dos textos escolares de todas essas matérias, e em particular das matérias literárias, no interior e fora da escola, deve ser submetida a uma análise e a um controle verdadeiros, efectuados na óptica da nossa filosofia.

A questão que eu ponho no que concerne aos promotores da nossa Renascença deve ser bem compreendida e judiciosamente resolvida. Não nos é permitido, e isso não seria de qualquer modo marxista, ensombrar essa época. Entre as obras dos autores da nossa Renascença é preciso proceder a escolhas fundamentadas sobre justos critérios quanto àqueles a introduzir nas escolas das diversas categorias e a oferecer ao público, em eliminar sem hesitar os lados negativos, porque se nós damos a estudar a um aluno da escola de oito anos versos ou escritos de um autor do período da nossa Renascença, que tinham deus por sujeito, e que, algures se transporta esse autor às nuvens, exalta-se ao mesmo tempo a sua filosofia idealista, deísta ou politeísta. O mestre fará, certamente, a crítica, mas um jovem aluno não estará à altura de a compreender, ele não será também capaz de dominar as tonalidades da língua e da crítica. Pelo contrário, nos estabelecimentos de ensino superior, os textos destes autores podem ser estudados mais amplamente, mas jamais sem que esse estudo seja acompanhado de uma séria crítica marxista-leninista das concepções idealistas que elas comportam.

Por outro lado, devemos precaver-nos cuidadosamente de idealizar os promotores da nossa Renascença e de

---

1 Luther opunha-se de facto à liquidação das relações feudais pela violência revolucionária dos camponeses insurgidos.

alimentar um culto por eles. Devemos considerar essa questão na óptica da nossa filosofia marxista-leninista. Depois da época da nossa Renascença até hoje, o nosso país conheceu mudanças colossais nos domínios económicos, social, cultural, educativo. A Albânia não é mais o país que era ontem, e a sua economia, a sua cultura, a sua instrução pública, a sua língua, o seu regime, a sua política, a sua ideologia, não são mais aquilo que eram. Em conformidade com a lei da dialéctica materialista tudo se transformou e continua a transformar-se. Se não se tem em vista todas estas mudanças de uma vez, se se exalta uma deixando as outras no esquecimento, se se vive unicamente com o antigo esquecendo o novo, se se pensa que só o antigo deve ter influência sobre o novo e que o papel do novo é limitado, isso conduz ao comprometimento num impasse. Neste espírito, importa combater toda a subestimação da nossa literatura do período do Poder popular. Convém abrir de par em par as portas da escola a esta literatura nova do realismo socialista; porque ela reflecte os sentimentos e a acção de uma gloriosa época nova e ela é tal que pode e deve servir a educação mais completa das massas segundo os nobres ideais da sociedade socialista e comunista.

É segundo esses mesmos critérios que é preciso considerar também os outros períodos do desenvolvimento do pensamento das ciências e da literatura, nas artes e na música, tal como são apresentadas nos textos. Como eu disse mais acima, esses textos devem ser completos, mas não devemos para tanto tolerar a mania exagerada de alguns eruditos distintos que procuram, fora de toda a medida e num breve lapso de tempo, ensinar aos alunos tudo o que lhes levou uma vida inteira para aprender.

Isso não deve no entanto significar, quanto a mim, que nós não precisamos de eruditos distintos, grandes especialistas. Pelo contrário, temos grande necessidade deles, são poços de ciência e de saber e graças ao seu concurso multiplicaremos e qualificaremos quadros superiores, mas não devemos confundir os diversos estados de desenvolvimento entre eles. O erudito tem ou deve encontrar a possibilidade de tornar a matéria que ele trata muito compreensível para o estudante universitário sem a sobrecarregar em demasia, o especialista junto ao qual o estudante foi enviado para adquirir uma qualificação ulterior, deve saber então em que medida pode aumentar a dose.

No que concerne à literatura estrangeira universal, tal qual ela é estudada nas escolas e difundida junto do público, eu considero que a situação nesse domínio tem sido caótica, bastante perigosa. Ainda que se notem alguns melhoramentos nos cursos nestes dois ou três últimos anos, a situação não se tornou menos inquieta. Não existem, neste domínio, critérios sãos, e onde eles existem ou foram concedidos, esses critérios foram deformados, corrompidos, também, o Comité Central deve deitar seriamente a mão a esta matéria, porque ela comporta questões de princípio que devem ser afirmadas com vigor e em relação ao qual o controle da aplicação de estar bem organizado. Qualquer um põe-se a traduzir o primeiro romance que lhe apetece e pede a sua publicação; se o tradutor é uma personalidade e o autor do romance um «clássico», abstracção feita das ideias que são expressas na obra, o romance é impresso e servido ao público. Por acaso esse mesmo tradutor profere conferências em nome do Partido em oposição com as ideias do romance que ele traduziu. Pouco lhe importa a sua inconsequência, e a editorial que ultrapassou o seu plano estabelecido não se inquieta mais.

Nós devemos, para as publicações escolares como para aquelas destinadas ao grande público, colocar nas mãos do povo e da jovem geração livros que não tenham por efeito desorientá-los ou corrompê-los espiritualmente mas que os ajudam a conhecer o desenvolvimento da sociedade e armam-nos ao mesmo tempo da nossa ideologia. A literatura estrangeira é um domínio vasto e variado. A escolha judiciosa do que nos falta nesse domínio é ao mesmo tempo possível e árdua. Os homens que operarão essa escolha devem estar dotados de uma vasta cultura e de concepções marxistas-leninistas bem formadas. Essas pessoas devem

conhecer bem as necessidades, não somente em bloco, mas de cada categoria particular, e, fazendo traduzir e publicar obras da literatura estrangeira, elas devem ter uma clara visão dos objectivos fixados e dos objectivos do Partido. Não se deve, nesse problema importante e delicado, tolerar nem o snobismo, nem preferências individuais, nem gostos malsãos, mais ainda do que o nihilismo que consiste em dizer que «não temos que fazer dessa literatura». Não, ela é-nos útil, mas só escolheremos nela aquilo que pode ajudar ao nosso desenvolvimento intelectual, artístico, cultural.

Cada povo tem a sua própria literatura e cada uma dessas literaturas tem uma grande variedade e comporta numerosas escolas. A burguesia, nas diferentes fases do seu desenvolvimentto e do seu declínio, criou e cria a sua literatura, os seus escritores, os seus poetas, músicos, artistas, etc., grandes e pequenos, tendo alguns resistido à prova do tempo e outros foram levados pela sua maré. É inconcebível que cuidemos de traduzir as suas obras com medo de esquecer alguma página, em bloco, sob o pretexto de que não podemos passar sem isso, como alguns podem pretender. Devemos escolher os autores e os livros mais progressistas, mais revolucionários e os mais revolucionários momentos, a fim de poder ilustrar aos nossos homens aquilo que eles aprenderam da história dos povos, da luta de classes e do desenvolvimento do pensamento progressista desses povos. Tais escritores, poetas, artistas, existem, mas nunca esqueçamos que não encontraremos inteiramente neles aquilo que procuramos e da maneira que queremos, de facto mesmo nesses autores progressistas ou revolucionários apontaremos, senão totalmente, pelo menos mesclados de uma maneira ou de outra, a reflexão de ideias burguesas, da vida e dos pensamentos dominantes da sua época.

Como deveremos proceder então nesta matéria? Eu acho que não devemos ceder à mania de dar a tragar aos alunos, aos jovens, ao público, um romance na sua totalidade, mesmo quando essa obra é boa sob três aspectos e má sob cinco outros. Neste caso, podemos e devemos oferecer-lhes

pedaços escolhidos que agrupam precisamente passagens onde dominam esses três melhores aspectos, sem negligenciar todavia a crítica da obra no seu conjunto. Eu penso que para levar a bom termo essa tarefa tão delicada, devemos perguntar-nos a cada passo que dermos se isso serve e em que medida serve a formação e a educação dos nossos homens, se isso sustenta ou destrói o que o Partido edificou em cada dia e em cada hora. Porque se por um lado, travamos uma luta quotidiana e pertinaz para eliminar os vestígios pequeno-burgueses da consciência dos homens, se nós combatemos em cada dia a influência da religião e das superstições, e se por outro lado metemos nas mãos do povo livros de autores de renome universal, que apresentam as suas ideias sob matizes atraentes, destruiremos então nós próprios a noite e construiremos o dia.

São estes mesmos critérios que convém a meu ver aplicar igualmente no que concerne à literatura ensinada na universidade, e não é preciso deixar o campo livre às tendências de certos professores e sobrecarregar os programas introduzindo aí por exemplo as obras de Aristófanes, a propósito do qual eu li uma crítica bastante pertinente de um estudante, aparecida no jornal «Studenti». Em todos os programas da universidade, é preciso que em todos os pontos, na elaboração e redacção dos textos, como nas formas e métodos de ensino, predomine a filosofia do nosso Partido, a filosofia materialista.

Sublinho ainda que o estudo da filosofia marxista deve preocupar-nos bastante porque, sem a conhecermos e sem sermos dela senhores, não podemos elaborar esses programas como eu o disse um pouco mais acima. Mas eu considero que esse importante estudo de base se faz actualmente de maneira unilateral e seguindo antigos métodos importados da escola soviética, ela está carregada de formas tipo, de formalismo, sem estar vivificada e refrescada pela experiência viva e combatente do nosso Partido, da edificação do socialismo no nosso país. Eu acho igualmente que esse estudo importante da filosofia materialista não está feito como convém, estando ligado e coordenado com

as outras matérias, a composição dos programas e a maneira como os cursos são dados nas diversas práticas das faculdades deixando muito a desejar nesse sentido.

É preciso que se instaure uma concepção do mundo verdadeiramente materialista na nossa inteligência em geral e nos estudantes e professores em particular. O seu estudo da teoria marxista-leninista deve seguir certas vias que avancem frontalmente para chegar a um único objectivo: a sua formação filosófica marxista-leninista.

A primeira via é aquela do estudo do materialismo dialéctico e histórico como uma matéria particular das mais importantes, e esse estudo deve ser feito seriamente, sob formas adequadas, compreensíveis, trata-se por outros termos de aprender toda a síntese filosófica materialista formulada pelos nossos grandes clássicos, ilustrada pela luta e pela prática do nosso Partido e do movimento comunista internacional. Será preciso ainda manter e aperfeiçoar a maneira como é actualmente ensinada a filosofia marxista e ao mesmo tempo denunciar e revelar como revisionista a tentativa actual dos soviéticos de suprimir o marxismo-leninismo como ciência directora para a reduzir ao quadro da «lógica». Eis pois qual deve ser a sólida base do estudo da nossa filosofia, a teoria que nos orienta e nos dirige.

A segunda via ou o segundo meio que reforça o primeiro e descobre claros horizontes para a aplicação prática da teoria, para a sua utilização como bússola, como guia, consiste em fazer de modo que os manuais, os cursos, os métodos de ensino, e a conduta das experiências e dos trabalhos práticos, sejam no conjunto concebidos, retocados e desenvolvidos em conformidade com a nossa teoria. Que a nossa teoria os esclareça e lhes explique passo a passo, de maneira que o estudante e o professor, o instrutor e o aluno vejam concretamente, na prática e na teoria, que o verdadeiro e justo desenvolvimento das ciências não se encaminha sobre a via progressista senão quando ela é guiada e esclarecida pelo materialismo dialéctico e histórico.

O terceiro meio, de todo importante também, é aquele que consiste em fazer participar activamente os alunos,

estudantes e professores na discusão dos problemas políticos e económicos do país no decurso mesmo da sua formação nas escolas e universidades para fazê-los assim passar do estudo livresco ou da prática de laboratório à via revolucionária activa onde se aplicam de maneira criadora, como uma grande diversidade e resultados concretos, visíveis e palpáveis, os princípios fundamentais da nossa filosofia materialista marxista-leninista.

A penetração orgânica do ensino e da educação pela ideologia e a política do nosso Partido deve realizar-se ao mesmo tempo que a aplicação do princípio marxista-leninista da ligação do estudo com o trabalho e da politecnização da escola. Demos alguns passos nesse sentido desde o Plenário do Comité Central do Partido em 1960 sobre a reorganização da escola sobre a base desse princípio. Nestes últimos anos, na atmosfera revolucionária que domina toda a vida do país, esses passos enriqueceram-se de formas, de iniciativas e de experiências novas. E não cessaremos de amplificar e aprofundar esse trabalho.

Estas três vias essenciais devem estar bem coordenadas entre elas.

No que concerne à primeira, que nos aparece sobre o tesouro imenso que nos legaram os nossos grandes clássicos, devemos aperfeiçoar os nossos métodos de trabalho e de estudo; para o segundo, temos muito para fazer e devemos dar a esse processo um grande cuidado e tratá-lo de maneira revolucionária; quanto ao terceiro, nós já encetámos o processo mas devemos estendê-lo, completá-lo e aperfeiçoá-lo.

Quero também dizer algumas palavras sobre o método e o estilo de trabalho do instrutor e do pedagogo.

A nossa escola socialista requer dos instrutores e dos pedagogos um método e um estilo de trabalho novos, revolucionários; e para que esse trabalho e esse estilo sejam novos, os ensinantes eles mesmos devem ser revolucionários, educados nessa via, para poderem assim educar igualmente os alunos e os estudantes. Os programas e os textos,

edificados no espírito novo e segundo os novos métodos, educarão os instrutores e os pedagogos nessa via. Disso não há dúvida; mas isso não será suficiente se estes se fecham por seu lado, no mundo da escola e não sentem que devam tomar activamente parte no impetuoso progresso revolucionário da nossa sociedade socialista, se eles não se temperam participando nela. Se eles não vivem e não agem de maneira, a despeito dos textos e dos programas não serão trabalhadores de choque, inovadores, revolucionários no seu método e no seu estilo de trabalho, eles cairão na rotina, no formalismo, na tipização, e o seu método e estilo de ensino serão amorfos, converter-se-ão no estilo e no método da escola burguesa. A esta não faltam receitas, pretensamente «didácticas» ou pondo em relevo como se costuma dizer uma «pedagogia experimental», mas são de facto antidialéticas, reaccionárias e estáticas.

O método e o estilo na maneira de dar um curso constituem elementos primordiais do ofício de ensinar. Também os ensinantes devem aplicar-se para aumentarem e aperfeiçoarem as suas aptidões. Obteremos dificilmente bons resultados se nos limitamos a dar receitas. Os ensinantes, eles também, farão mal em acreditar que o método e o estilo do seu trabalho atingiram a perfeição e podem servir de modelo perfeito para todos. A boa experiência neste domínio deve ser propagada, mas o trabalho e a luta que serão levados a cabo nesse domínio, a elevação das aptidões engendrarão métodos e estilos de trabalho ainda melhores. A perfeição não tem limites. Também, a meu ver, esta importante questão não deve ser vista segundo modelos formalistas e estereotipados mas em constante desenvolvimento. Não é preciso no entanto considerar esta questão com um espírito diletantista, mas baseá-lo solidamente sobre os programas e os textos. É preciso seguir nesta matéria a via do operário inovador e revolucionário no seu trabalho, que faz sair do seu torno a peça que lhe pedem, perfeitamente fabricada, a melhor possível, e não uma peça que não lhe foi pedida, ou que é o produto da

sua imaginação mórbida. O bom método e o bom estilo de trabalho devem servir os fins que lhe foram fixados.

Tudo estará pelo melhor quando os ensinantes ensinarem perfeitamente a sua matéria. Fora disso, não pode haver nem bom método nem bom estilo de trabalho, nem para o operário nem para o ensinante. Liberto então de um ensino imperfeito da sua matéria, o ensinamento está pronto a discernir o nível cultural dos alunos, as suas aptidões e a sua psicologia, elementos que, juntando-se a outros, orientá-lo-ão a ele mesmo para bem dominar a sua matéria, trazer constantes modificações ao seu estilo e ao seu método de trabalho, adaptá-los à situação e atingir assim na aplicação do seu método um estado que ele julgará perfeito.

Um tal método de trabalho terá como efeito os ensinantes serem constrangidos (e aqui eles deverão mostrar-se inovadores e revolucionários) a utilizar formas diversas na maneira de expor a sua matéria, uma variedade de formas que os afastarão de toda a estereotipização, de todo o dogmatismo, formalismo, etc. É somente assim, aos meus olhos, que eles não temerão mais as questões dos alunos ou dos estudantes e que estes não temerão aquelas dos seus professores. Deste modo, cria-se na classe uma vida activa e uma comunidade sã, simples, quente, harmoniosa, revolucionária, através de um processo de osmose entre os sentimentos e o pensamento dos alunos por um lado e os sentimentos, o pensamento e o saber dos ensinantes por outro.

O verbalismo e o «academismo» malsãos do ensinante não são outra coisa senão uma mania e uma fraqueza marcadas, por detrás das quais se esconde a insuficiência dos seus conhecimentos da matéria e a tendência para dissimular essa fraqueza diante dos alunos. Um tal ensinante recorre a esses métodos para esconder os «vazios» no seu «saber» e para os recobrir de uma fraseologia sem conteúdo. Isso, bem entendido, cria uma situação falsa entre o educador e os alunos e entrava a plena educação destes.

Os alunos aborrecem-se e procuram então escapar a esta

situação. Eles não seguem mais os cursos, tagarelam, zaragatam ou garatujam os cadernos. Estas atitudes dos alunos, todas elas causadas por uma situação objectiva, são proporcionadas pelo instrutor, do qual o método de trabalho é insatisfatório e a preparação precária, na parte dos lados subjectivos dos alunos, da sua falta de disciplina ou de educação, etc. A fim de resolver essa situação para ele anormal, esse instrutor, incapaz de proceder a uma análise autocrítica do seu trabalho e sentindo-se superior de todos os pontos de vista ao aluno, recorre a medidas «pedagógicas» autoritárias inadequadas e que põem bem em evidência o seu «autoritarismo», a disciplina puramente formal, o poder da nota, as antipatias mórbidas, os rancores, e tantos outros aspectos antieducativos, antipedagógicos. O Partido deve ter em conta estas questões e ainda outras na educação política, ideológica e metódica dos instrutores e professores que têm uma grande tarefa a desempenhar.

Apoiando com todas as nossas forças a mais larga aplicação da linha das massas no desenvolvimento da instrução e no trabalho escolar, estimulando com todas as nossas forças, neste quadro, as iniciativas das escolas e dos instrutores de base para a aplicação criadora dos programas de ensino, para a utilização criadora e crítica dos textos escolares, e o desenvolvimento das experiências, deveremos fazer de modo que todas estas iniciativas tenham constantemente por fundamento a política do ensino determinada pelo nosso Partido, sobre a base do princípio do centralismo democrático.

Gostaria também de vos falar um pouco do problema das notas. A questão de saber se o sistema de notas deve ser mantido ou não é actualmente discutido pelos nossos ensinantes. Essa discussão é justificada e fecunda. Podemos todos emitir a nossa opinião a esse respeito, a fim de contribuir para um frutuoso desenvolvimento da discussão que, mais tarde ou mais cedo, deve chegar a uma conclusão.

O sistema das notas foi em todos os tempos aplicado à escola. Criou-se assim a opinião segundo a qual, a escola,

sem notas, não pode funcionar regularmente. As notas assumiram portanto uma função «reguladora» do ensino, elas penetraram profundamente no espírito e na consciência dos alunos e dos ensinantes como um elemento que define matematicamente o seu trabalho e os seus esforços, desde a assimilação das matérias até à conduta. A autoridade do ensinante à vista dos ensinados, bom grado ou mau grado, ligava-se à prática das notas.

Pode-se dizer que as notas são um estímulo para o estudante, mas o contrário também pode ser dito. As notas podem ter uma função de freio, elas podem tornar-se uma arma funesta nas mãos do ensinante pouco consciente e não ser em todos os casos e sempre um estimulante ao estudo para o aluno, o qual, desde que obtém uma boa nota, adormece sobre os seus louros e se escuda por detrás da nota obtida.

No que diz respeito às nossas escolas, o problema coloca-se de maneira diferente. O fim essencial da nossa escola é de dotar todos os alunos de uma instrução e de uma cultura sãs. A nossa escola tem um carácter massivo, todas as barricadas que se levantavam e que se levantam ainda nas escolas burguesas e que aí impedem a frequência massivas, foram abolidas. Na escola burguesa, a existência das notas, ou outro dos obstáculos que ela suscitava, teve e tem sempre um carácter de freio, de selecção, e ele é concebido no interesse das crianças de que classes sociais.

A nossa nova escola, partindo do facto que é massiva, tem em vista fazer de modo que todos estudem, mesmo o melhor possível, e que ninguém torne a repetir uma classe. Isso não quer forçosamente dizer que todos obterão brilhantes resultados, mas pelo menos eles estarão e devem estar armados para a vida activa; e quando os alunos passarem da escola à vida, não se lhes perguntará quais foram as suas notas, mas como eles se desembaraçarão das tarefas que lhes forem confiadas.

Eu acho que convém eliminar absolutamente a concepção segundo a qual «se estuda para apanhar uma boa nota». É preciso consolidar o conceito segundo o qual nos deve-

mos instruir porque sem instrução não se pode nem viver, nem trabalhar, porque sem se saber não se pode servir o povo como se deve. A instrução é um sustento indispensável para o homem. Mas para inculcar essa justa concepção nos alunos, não devemos utilizar as notas, mas o trabalho político e educativo.

Neste domínio, devemos combater igualmente a ideia que a obtenção de um certificado ou de um diploma de não importa que escola é um previlégio e uma arma servindo para a obtenção de proveitos pessoais; e inculcar a ideia que o diploma não é mais que um certificado de fim de estudos num estabelecimento de ensino dado e a aquisição de um certo grau de instrução e de uma certa especialidade, que se deve meter ao serviço da sociedade.

Nós devemos então, sobre o plano político, desenvolver um intenso e vasto trabalho educativo a fim que, nas nossas escolas, se estude não para obter boas notas nem um diploma da concepção pequeno-burguesa, mas para adquirir os mais úteis conhecimentos.

A assimilação do saber na escola não depende das notas, ela depende em primeiro lugar da justa concepção política, da clareza, da simplicidade e da compreensibilidade do conteúdo dos programas, do método e do estilo de trabalho dos ensinantes, do conjunto da educação escolar e extra escolar. São estes factores e não as notas que, aos meus olhos, são determinantes.

Alguns poderão objectar que tudo isto é justo mas que a questão se põe de saber se realizámos entre nós as condições necessárias para abolir as notas e se a sua abolição não será prematura?

A meu ver, se não me engano, as nossas condições não são más, se não mesmo excelentes; no entanto falta-nos trabalhar para as criar ainda melhores. As nossas condições políticas são excelentes e possuímos uma juventude ardente e revolucionária, que compreende bastante bem a importância da escola e da instrução e que as concebe de uma maneira revolucionária. Devemos estar empenhados para tornar actual aquilo que se considera prematuro.

Como podemos conseguir isso? Abolindo as notas? E esse estimulante será substituído porquê?

Eu estou convencido que se se admite que a nota não é senão um estimulante, se pode substituí-la por muitos outros estimulantes benéficos, bem entendido morais; em segundo lugar, devemos abandonar o sistema de notas de zero a cinco ou de zero a dez, como está em vigor hoje em dia, e passar, provisoriamente, a apreciações gerais, já mais ou menos utilizadas até aqui: «muito bom, bom, passável», etc., para, em seguida, eliminar também estes últimos, e trocá-los pouco a pouco por apreciações mais bem definidas e qualificadas sobre as aptidões, os esforços e outras qualidades ou lacunas dos alunos, apreciações que, a meu ver, são as únicas susceptíveis de dar uma fisionomia completa do aluno e perfeitamente apropriadas à nossa nova pedagogia. São estas menções, e não as notas áridas, que fazem despontar as principais características dos alunos.

Na escola do Partido, mais ainda que nos diversos cursos do Partido, o sistema de notas já não está em vigor. Poderíamos começar por suprimir as notas nas escolas primárias e, segundo eu, sem o mínimo perigo de vermos os pequenos estudarem menos; educá-los-emos ao contrário desde a infância num espírito novo, ensinar-lhes-emos a estudar, mas não para obter uma boa nota nem sob a obsessão da nota. Para as outras escolas de diversos graus, poderemos avançar progressivamente fazendo aí as experiências necessárias, como eu sugeri mais acima, ou ainda sob outras formas.

Enfim, as notas estão também ligadas à passagem de um aluno à classe superior, elas constituem um elemento de referência para os ensinantes. Como se deverá proceder sobre este ponto, o aluno ou o estudante terá acesso à classe superior na base só da apreciação que será dada ao seu trabalho? São as apreciações que devem constituir o elemento sobre o qual se apoiarão os ensinantes, mas as suas apreciações, assim como para as notas, para formulá-las segundo critérios objectivos, depois de ter interrogado os alunos, examinado os seus trabalhos escritos, ou a ma-

neira de resolverem as provas a que se submetem. Porque o ensinante, para comunicar as suas impressões e a sua opinião ao aluno se deve servir de uma nota árida e não de formulações e apreciações mais vivas, mais políticas, mais educativas? Este último método é o mais apropriado. E até que, finalmente, o certificado de passagem é entregue ao aluno, este deve ser dado sobre a base da soma, da generalização das apreciações de cada ensinante, em colaboração com o responsável da classe ou com as pessoas encarregadas dessa tarefa. Bem entendido, as suas modificações e as suas formas estão sujeitas a discussão. Os nossos ensinantes acumularam uma grande experiência e aqueles que estão a favor da manutenção das notas têm certamente argumentos para apoiar a sua tese e sugestões a fazer sobre a maneira de converter a nota num simples estimulante, do mesmo modo que aqueles que são contra o sistema das notas têm também as suas ideias quanto à maneira de as substituírem. Também para concluir, eu diria que essa questão, assim como todos os problemas da nossa escola, deve ser objecto de um sério debate.

A vida é uma grande escola e a escola não é outra coisa que uma parte constituinte da vida. Também a escola deve combinar-se estreita e harmoniosamente com as acções, o trabalho e o pensamento do homem e servir na vida, servir a sociedade no seu conjunto. A sociedade socialista que o Partido edifica e a sociedade comunista futura que ele prepara tiveram em todos os tempos e em cada etapa as suas leis e as suas normas de desenvolvimento, de transformações revolucionárias, que devemos conhecer, aprender, possuir, e aplicar de modo consequente.

Em todas as coisas é preciso uma preparação, e essa preparação é necessária tanto antes da acção e no decurso do desenvolvimento dessa acção como depois destas; edifica-se o presente imaginando ao mesmo tempo a preparação do futuro. Em todo este desenvolvimento que não é tranquilo, espontâneo, mas revolucionário, a luta dos contrários engendra o progresso, e o desenvolvimento dialéctico dos contrários opera as transformações qualitativas que conduzem a nossa sociedade de uma etapa elevada a uma etapa superior. Nessa grande revolução, o papel decisivo cabe às massas, guiadas pelo Partido comunista do proletariado e pela sua ideologia marxista-leninista. Por conseguinte, o Partido, com a sua ideologia, deve fazer com que as largas massas populares tomem consciência desse papel, educá-las sob todos os aspectos e torná-las aptas a conhecer, a possuir, a aplicar como convém as leis da natureza e a obter dela os bens materiais úteis ao homem, à sociedade. Também, o estudo na escola se insere como um elemento importante entre as outras actividades humanas.

O grande objectivo do Partido é, edificando o socialismo, formar e forjar o novo homem comunista, inculcando-lhe sãos conceitos políticos e teóricos marxistas-leninistas, a ética, os gostos marxistas-leninistas, o espírito revolucionário, de choque, audacioso, criador e realizador, marxista-leninista. Nesta luta revolucionária de formação e de transformação, nesta batalha para a educação e reeducação, nesta amálgama de contrários, na luta de classes, do novo contra o velho, o nosso novo homem, desde o seu nascimento até à sua morte, onde ele trabalha, cria e pensa, em todos os lugares e em todos os tempos, onde ele vá em corpo ou em espírito, deve encontrar materializada a linha do Partido e a sua filosofia, deve compreender a política, a teoria e a prática dessa linha, tirar conclusões filosóficas e práticas das suas realizações, armar-se e andar para a frente com forças redobradas e estar sempre consciente que estão sempre presentes as suas próprias realizações, as realizações das massas do povo, guiadas pelo seu Partido e pela sua filosofia materialista.

A perca de uma justa orientação, do sentido comum, como se diz, em todas estas questões conduz a insucessos. Nenhum sector ou subdivisão de sector da actividade social deve ser subestimado, ou desenvolvido de maneira isolada, num estado de anarquia em relação aos outros ou ao conjunto. Sem dúvida nenhuma manifestar-se-ão desigualdades

de desenvolvimento de um sector a outro, alguns avançarão e outros ficarão relativamente na cauda, mas são defeitos de crescimento, de desenvolvimento e não se lhes pode jamais permitir que eles tenham na sua origem desvios políticos e ideológicos.

Uma das grandes razões da catástrofe que sobreveio ao Partido bolchevique de Lénine-Estáline depois da morte de Estáline tem nesse desequilíbrio entre a justa compreensão e aplicação da linha em todos os domínios, nessa esclerose dos princípios teóricos e organizacionais do Partido, na ausência de uma luta de classe feita de uma maneira radical, contínua e consequente, na burocracia e em outras manifestações que foram objecto de numerosos estudos e análises anteriores do nosso Partido e sobre as quais não há tempo para me alargar aqui. Que seja suficiente relembrar que o revisionismo moderno khrouchtcheviano usurpou o poder, líquidou o Partido quando partido da classe operária, liquidou a sua ideologia marxista para substituí-la pela ideologia idealista, e transformou o Estado da ditadura do proletariado num Estado burguês de economia capitalista.

Os revisionistas modernos sabotaram a escola soviética, converteram-na numa escola burguesa para criar uma jovem geração anticomunista, suporte de um regime capitalista que restauraram no seu país.

Para terminar, não esqueçamos por um instante todas essas situações, os seus perigos, tenhamos o espírito lúcido e uma mão de ferro contra os inimigos do povo, do Partido e do socialismo, tenhamos uma clara visão do papel das massas e da importância colossal da jovem geração que fortifica o presente e assegura o futuro; não esqueçamos jamais que, no quadro desta grande luta que trava vitoriosamente o nosso Partido, a luta por uma feliz edificação da nova escola socialista é uma das nossas maiores e mais delicadas tarefas, uma tarefa que o nosso Partido, estamos disso plenamente convencidos, nesse domínio como em todos os outros, saberá, como sempre, sair vitorioso.

A REVOLUCIONARIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR NA ALBÂNIA

O Professor Jorgji Sota trata neste artigo da revolucionarização do Ensino Superior e refere as tarefas presentes e futuras no domínio da investigação e pedagogia.

O nosso ensino superior como todos os outros sectores da vida social, é caracterizado por um grande dinamismo. Integrou-se numa fase de profundas transformações revolucionárias sobre todos os aspectos, tanto na forma como no conteúdo.

As transformações estruturais levadas a cabo no decurso destes últimos anos, no seguimento da introdução do triângulo revolucionário «estudo-trabalho produção-educação física e militar» todo ele influenciado por uma linha ideológica marxista-leninista, assim como outras medidas adoptadas para melhorar os planos e os programas de ensino, tais como a redacção de novos textos para todas as disciplinas, o pôr em prática novos métodos mais eficientes na arte de ensinar, etc., trazem frutos cada vez mais abundantes. Estas medidas demonstram na prática a justeza das orientações e das decisões do Partido neste domínio.

A revolucionarização da nossa escola, como parte integrante da revolução ideológica e cultural é um processo ininterrupto. Consequentemente os problemas postos pelo aperfeiçoamento incessante do seu conteúdo serão objecto

de estudo e trabalho constante da parte de professores e alunos.

Mas a nossa escola superior não é somente uma instituição de ensino, ela é também um organismo científico. Esta particularidade fundamental deriva em primeiro lugar do facto de que para aperfeiçoar o processo de ensino é indispensável que os quadros docentes desenvolvam o seu pensamento científico enriquecendo-o continuamente de novas aquisições científicas e técnicas, assimilando e pondo em prática novos métodos nos estudos teóricos e experimentais, aprendendo a conhecer e a generalizar cientificamente a nossa realidade socialista e, o que é mais importante, aplicando estes conhecimentos à prática produtora e social quotidiana.

Em relação ao processo de ensino, este é não uma questão puramente organizativa, mas antes uma questão de método e de concepção do mundo que tratou em primeiro lugar do conhecimento e transformação revolucionária da realidade objectiva. Com efeito, o aspecto mais importante, a essência, o princípio orgânico do método de ensino é constituído como todo o método de trabalho em geral, pela ligação, ou para ser mais exacto, pela fusão da teoria com a prática, do estudo com a vida, da ciência com a produção.

De acordo com este aspecto essencial e específico do ensino superior, a Universidade de Estado de Tirana, enquanto principal centro de formação de quadros superiores tornou-se, ao mesmo tempo, o maior centro científico do país que atinge um número considerável de quadros altamente qualificados e experientes. A Universidade dispõe igualmente de um número de laboratórios que estão cada vez mais bem equipados.

É sabido que 15 anos de existência para uma Universidade representam um período relativamente curto. Durante estes anos, sob a direcção do Partido e em luta contra os obstáculos objectivos e subjectivos, todas as faculdades da Universidade e as outras instituições que dela dependem como os Institutos de História, de Línguas e de literatura,

de folclore, etc., obtiveram importantes sucessos em matéria científica. Basta lembrar que durante o quarto quinquenato trataram-se mais de 280 temas científicos. Os resultados deste trabalho não somente se reflectiram em projectos e publicações tais como, monografias, exposições, comunicações e artigos científicos, mas permitiram igualmente resolver uma série de problemas de carácter científico e técnico de grande vantagem para os sectores mais diversos da vida económica e social do país.

É assim que, no domínio das ciências albanológicas, graças a pesquisas que demoraram vários anos, esclareceram um bom número de problemas da História da Albânia, da gramática, da língua albanesa, da lexicologia e da história da literatura. Compilaram-se, estudaram-se e publicaram-se materiais valiosos relativamente ao folclore albanês. O nosso país tornou-se, entretanto, uma autoridade em matéria de estudos albanológicos. No domínio das ciências políticas e jurídicas, fizeram-se estudos sobre a história do Estado e do Direito, da diplomacia e do pensamento social no nosso país. Dentro das ciências económicas, dedicámo-nos a resolver alguns problemas concretos e a efectuar uma crítica mais profunda dos pontos de vista burguesa e revisionista nesta matéria. Pelo que são as ciências naturais, paralelamente a uma série de estudos realizados em física, matemática, química e biologia, registou-se um grande progresso com a criação de dois novos institutos científicos: o instituto das radiações nucleares e o centro de calculadores electrónicos, postos a funcionar com a ajuda generosa e internacionalista da República Popular da China; o primeiro como importante centro de pesquisas e de metodologia com vista a estudos mais profundos no emprego dos isótopos radioactivos e das radiações para as necessidades da produção e da pesquisa científica; o segundo, para facilitar e estender a aplicação dos métodos de cálculo electrónico na economia e em diversos ramos da ciência. No domínio das ciências técnicas, convém lembrar o trabalho de pesquisa efectuado para aperfeiçoar os projectos das grandes centrais hidroeléctricas, tais como

a central «Maotsetung», a de Fierza, etc., sem contar os numerosos projectos no domínio da mecânica, da arquitectura, da electrónica, da termologia, etc., que permitiram responder a exigências urgentes da produção e da construção. No domínio das ciências geológicas e mineralógicas dirigiram-se estudos sobre certos problemas de formações geológicas e de relações genéticas em certas regiões do país sobre a prospecção, a descoberta e enriquecimento doutros minerais assim como sobre certos problemas relativos à prospecção e à valorização das prospecções petrolíferas, etc. No domínio das ciências medicinais, efectuaram-se estudos sobre a situação e propagação de certas doenças no país e sobre os métodos de tratamento mais eficazes.

Os resultados obtidos até aqui são importantes, mas não representam ainda tudo o que nos propúnhamos fazer.

É preciso admitir que, no domínio dos estudos e da pesquisa científica, nós temos ainda um atraso relativo em relação aos objectivos estabelecidos para acelerar e intensificar o desenvolvimento da economia e cultura socialistas.

Para remediar este atraso, convém, como o 6.º Congresso do Partido pôs particularmente em evidência, realizar uma nova elevação qualitativa sobre todos os aspectos, que implica também um trabalho mais bem organizado e mais eficaz para a formação e qualificação de quadros superiores, de maneira que eles estejam à altura das tarefas de que sejam incumbidos no estado actual de desenvolvimento do nosso país, assim como dos audaciosos objectivos que nos propusemos atingir. A experiência demonstra que o desenvolvimento da economia e da cultura, desenvolvimento esse que a formação de quadros superiores deve igualmente servir, não pode ser intensificada sem que se apoie na ciência e na técnica moderna, sem que estimule a revolução técnica e científica. No estado actual do nosso país não saberíamos progredir rapidamente em qualquer domínio sem estudos apropriados que respondam às exigências de momento tendo em conta o futuro, estudos

que porão em evidência os objectivos que nos propusemos atingir e indicarão as vias que conduzem à sua realização. Esta necessidade de levar a um grau científico cada vez mais elevado o trabalho de direcção de todas as actividades, não poderá ser satisfeita sem nos apoiarmos poderosamente sobre a ciência e tirarmos o melhor proveito das suas aquisições.

Baseando-se nestas orientações e na luta contra as ideias conservadoras intelectualistas, que fecham a ciência dentro das quatro paredes das bibliotecas e dos gabinetes de trabalho, vimos nascer e depois cristalizar-se nos pedagogos e nos homens de ciência, novas concepções revolucionárias sobre o trabalho científico, sobre o seu método e conteúdo. A necessidade duma ligação cada vez mais estreita entre a teoria e a prática, a ciência e a produção, o levar à prática de formas tão orgânicas e eficazes quanto possível para assegurar esta ligação, tornou-se um problema fundamental para toda a actividade científica do nosso ensino superior. Os resultados obtidos e os documentos recentes do Partido, em particular a decisão do departamento político do CC do PTA (1) sobre o desenvolvimento do trabalho de pesquisa científica, abriram à universidade do Estado de Tirana e aos outros institutos de ensino superior novas perspectivas e puseram para o futuro tarefas ainda maiores e mais complicadas, que se materializaram no plano de trabalho científico para os anos 1971-75, englobados no quadro dos objecitvos do quinto quinquenato. Como resultado de numerosas discussões e consultas conseguiram definir correctamente o inventário de problemas sobre os quais se deve debruçar o trabalho científico. Estes problemas tanto pelo seu número como pela sua importância e o seu carácter actual, marcam um nítido progresso em relação ao passado. Só no plano quinquenal do trabalho

(1) Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia.

científico da universidade do Estado de Tirana, se encontram perto de trezentos temas em que a quase totalidade diz respeito à edificação socialista do país. Foi assim que se encarou o abordar de temas complexos como os modelos hidráulicos de grandes oficinas hidrotécnicas que serão construídas no nosso país, de estudos sobre depuração de águas industriais, de estudos e de experiências para produção no país de certos materiais semicondutores, determinando igualmente a tecnologia da sua produção, standardização de certas máquinas e de certos equipamentos industriais, tais como redutores, ventiladores, gruas, etc., a feitura do mapa mineralógico e o estudo da metalurgia da Albânia, a determinação das zonas sísmicas do país, estudos e experiências relativos ao uso dos isótopos radioactivos para as necessidades da indústria, da agricultura, da saúde e da investigação, o emprego dos métodos do cálculo electrónico no estudo e na solução de diversos problemas da economia, etc. Uma grande parte destes temas são estudados em comum pelos grupos de quadros superiores das cadeiras de Faculdade e dos sectores científicos, de instituições e de produtores.

Os planos de trabalho científico englobam igualmente uma série de estudos importantes sobre as ciências humanas, como o problema da história do pensamento económico na Albânia antes da libertação e durante o período de edificação socialista, o problema da economia contemporânea capitalista e revisionista, os estudos no domínio da língua e da literatura albanesas, etc.

Os problemas que põem actualmente a modernização e a intensificação da agricultura são muito complexos e exigem que esta seja assente em bases científicas mais vastas e mais aprofundadas e que um grande esforço seja feito a todo o custo no plano da ciência e da técnica.

Para responder a estes problemas, nas cadeiras e laboratórios do Instituto Superiores de Agricultura e nos institutos do mesmo sector e nos campos iniciaram-se certos

estudos e experiências para resolver os problemas imediatos e a longo prazo que a produção agrícola e a pecuária levantam. Assim, nos planos de trabalho científico destas instituições, um grande lugar é ocupado por importantes problemas como o da selecção e descoberta de novas variedades vegetais de grande rendimento e de boa qualidade, o estudo de uma série de questões acerca dos problemas fundamentais da agricultura, a saber: o conhecimento, a gestão e em particular a defesa dos fundos agrários, das técnicas agrárias, a determinação da estrutura do gado, a classificação das florestas, o conhecimento e a maior valorização possível dos recursos vegetais do país para as necessidades da pecuária, da indústria, da medicina, etc.

A realização destes estudos de investigação científica contribuirá para a elevação do nível teórico, experimental e metódico das cadeiras e dos sectores científicos, assim como o desenvolvimento da economia e da cultura.

Uma atenção ainda maior será consagrada no futuro ao reforço dos laços de interligação das cadeiras de Faculdade, dos sectores científicos, dos meios de produção e das outras instituições económicas que este ano (1972) tomaram um novo incremento.

Se bem que todo o trabalho científico seja marcado por um mesmo espírito, a Universidade do Estado de Tirana e as outras escolas superiores têm também um plano particular de colaboração com a produção. Cerca de 500 especialistas da Universidade do Estado de Tirana e quadros que trabalham directamente na produção, dedicam-se exclusivamente à solução dos problemas particulares das actividades produtoras.

Os objectivos que a Universidade do E. de Tirana e as outras grandes escolas têm de atingir no quinto plano quinquenal são grandes e difíceis. Além da solução de erros, problemas importantes aos quais se liga estreitamente a elevação do nível de trabalho de investigação científica, como a qualificação e especialização de quadros, o

reforçar da base material, etc., a realização destes objectivos implica também uma organização perfeita e um trabalho obstinado. Os professores e investigadores, conscientes destas dificuldades, estão todavia inteiramente convencidos que cumprirão os cargos que lhes foram confiados. A garantia está, como sempre, na justa linha marxista-leninista do partido, na grande atenção e ajuda que ele presta ao desenvolvimento da ciência e da cultura no país.

CADERNOS **OPERÁRIO VERMELHO**

Publicados:

1 *As massas edificam o socialismo, o partido fá-las ganhar consciência* — Enver Hoxha.
(esg.)

2 *Sobre a caricatura do marxismo e o «economismo imperialista»* — Lénine.
10$00

3 *O imperialismo e a cisão do socialismo.*
*
Aventureirismo revolucionário — Lénine.
10$00

4 *Comunicação acerca da posição do proletariado perante a democracia pequeno-burguesa.*
*
Economia e política na época da ditadura do proletariado — Lénine.
12$50

5 *Acerca do infantilismo «esquerdista» e do espírito pequeno-burguês* — Lénine.
12$50

6 *Os dirigentes do P. C. U. S. são traidores das declarações de 1957 e de 1960* — (Redacção do Diário do Povo).
*
A nova direcção do P. C. U. S. confessa a sua política de cooperação com os Estados-Unidos — (Comentarista da Revista «Bandeira Vermelha»).
12$50

7 *Socialismo pequeno-burguês e socialismo proletário.*
*
Acerca dos compromissos.
*
Acerca da cooperação — Lénine.
12$50

TEXTOS **OPERÁRIO VERMELHO**

Publicados:

Materialismo e Empirocriticismo — Lénine.

100$00

Circular do Comité Central do Partido Comunista da China (16 de Maio de 1966).

*

Um Grande Documento Histórico — Redacções da Revista «Bandeira Vermelha» e «Diário do Povo».

*

Decisão do Comité Central do Partido Comunista da China sobre a Grande Revolução Cultural Proletária (Tomada a 8 de Agosto de 1966).

*

A Propósito da Tríplice União Revolucionária — Editorial do Hongqi n.º 4, 1967.

25$00

Confúcio — o «sábio» das classes reaccionárias

*

A alma morta de Confúcio e o sonho dos novos Czares — Yang Jong-Kouo.

25$00

Vicissitudes Históricas da Doutrina de Karl Marx — Lénine

*

O Leninismo e o Revisionismo Contemporâneo.

*

O Pseudo-comunismo de Kruchtchev e as lições históricas que dá ao Mundo.

Os Cadernos sobre a Dialéctica de Hegel — Lénine

Em preparação:

Anti-Dühring (precedido de uma nota biográfica de Lénine sobre Engels) — Frederich Engels.

MINERVA